ARTE COMO ESPELHO PARA O AUTOCONHECIMENTO DO HOMEM

MÁRCIA COELHO CARDOSO

RESUMO

Esse estudo visa analisar a importância da arte para o autoconhecimento do Homem.

Representar por símbolos ajudou a expressar suas experiências diante a realidade. A teoria Junguiana é abordada como referência dos efeitos da arte no processo de autoconhecimento. Os arquétipos são expressos pelo inconsciente coletivo, revelados pelas imagens psíquicas. Na escola poderá ser usado o processo artístico como instrumento para desenvolvimento da personalidade dos estudantes. Sintetizou-se os dados desse artigo de revisão bibliográfica via pesquisa descritiva. Chegou-se à conclusão de que o caráter múltiplo da arte é fundamental para ser trabalhado nas escolas, é uma chave para o autoconhecimento.

Palavras-Chave: Arte; Homem; Símbolos; Processo Criativo; Autoconhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A arte é o espelho das experiências vividas pelo Homem traduzidas pelos símbolos. Pressupostos teóricos de Jung são abordados na presente pesquisa para demonstrar quais são os efeitos da arte no processo de autoconhecimento. O ser humano produziu um universo simbólico desde os seus primórdios da civilização.

Por meio das atividades artísticas há possibilidade de sintetizar a leitura e a escrita das experiências e vivências da existência humana via arte, isto é, as imagens representadas por símbolos que desvelam o inconsciente e traz o desconhecido. A expressividade revelam os dois mundos: o interno e o externo, aspectos fundamentais para desenvolvimento da personalidade e o autoconhecimento.

A trajetória humana tem fases de desenvolvimento como: a infância, a adolescência, a adulta e a terceira idade, portanto, nesses momentos diferenciados são feitos as leituras dos símbolos vivenciados pelos arquétipos estruturados nos parâmetros culturais e são modificados no tempo e no espaço.

A arte e a educação são produtos culturais, na escola as crianças começam o seu desenvolvimento da personalidade e da compreensão das diferenças individuais e as diversas maneiras que os estudantes aprendem. Para que esse processo de autoconhecimento possa acontecer aponta-se a relevância do trabalho com arte. Por meio do processo artístico pode-se realizar a junção entre o corpo e a psique, assim oferecendo a oportunidade de ser construir a sua totalidade como ser humano. Unir as suas fantasias, seus medos, seus sonhos, seus propósitos e sua imaginação.

O objetivo geral desse trabalho foi analisar a importância da arte para o autoconhecimento do Homem. Como objetivos específicos, primeiramente, pretendeu identificar a arte e seus pressupostos teóricos embasados na Psicologia Analítica relativos ao universo simbólico, logo após, descrever a importância da arte para o desenvolvimento humano e, por último, identificar como processo artístico auxilia no desenvolvimento da personalidade e do autoconhecimento.

O caminho metodológico realizado nesse artigo foi realizado por meio de revisão bibliográfica. Procurou-se por intermédio de uma pesquisa descritiva abordar a teoria da Psicologia Analítica para autenticar como o arte poderá auxiliar o autoconhecimento dos estudantes.

Para formatar esse conteúdo trouxe pressupostos teóricos de Jung sobre arte e a construção da personalidade do Homem para seu autoconhecimento. Após, descreveu como o símbolo poderá auxiliar no desenvolvimento humano expressado por atividades artísticas. E finalmente, abordou aspectos fundamentais para o autoconhecimento via processo artístico.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Arte como espelho das experiências do Homem representadas no universo simbólico: pressupostos teóricos de Jung

Destaca-se o teor da atividade expressiva como espelho das experiências e vivências do Homem no seu meio ambiente representado pelo universo simbólico. Dessa forma, o homem sempre está em processo, um relação de intercâmbio com a sua realidade circundante. As suas necessidades e desejos reveladas poderão ser via para os recursos artísticos. A arte possui uma essencialidade que deverá ser explorada em todos os âmbitos, especialmente, no campo educacional.

Esse estudo aborda a Teoria Junguiana e os efeitos da arte, enquanto processo de produção simbólica e busca do "si mesmo", ou melhor, do autoconhecimento do Homem, produtor de seu próprio universo cultural. Em sua teoria, muito contribuiu para a compreensão da capacidade humana de distanciar-se de si mesma e percorrer os caminhos dos labirintos, deixados por esse desencontro, para reencontrar-se.

A Psicologia Analítica, proposta por

Carl G. Jung, pode ser concebida como um fundamento importante para a leitura do homem, por meio dos símbolos emergentes de seu inconsciente. Jung (1998) reconheceu a existência de um conjunto de imagens psíquicas, emergentes do inconsciente coletivo, que chamou de "arquétipos". Assim, para a interpretação analítica, os símbolos mostram-se como a melhor expressão possível para algo desconhecido, atuando como agentes terapêuticos.

A arte, por sua vez, é uma possibilidade de síntese de leitura e escrita dos significados vividos e percorridos no caminho da existência humana, em sua capacidade de se expressar por meio de símbolos. O ser humano vem produzindo historicamente, a arte, construindo um universo cultural, traduzidas pela sua produção de símbolos, uma capacidade fundamental humana. Por caracterizar-se como um tipo particular de conhecimento, essencialmente, o ato criador estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam em um constante processo de transformação da realidade ao seu redor. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas.

Via arte as imagens representadas por símbolos, desvendam o inconsciente, o desconhecido. Assim, por intermédio da união de duas atividades: fazer arte (como expressão), e, realizar o processo terapêutico, a emergência dos símbolos é o caminho para a leitura de suas experiências vividas e para a compreensão e interpretação do duplo que o ser humano é. Desse modo, as atividades expressivas revelam dois mundos em interação: o interno e o externo, fatores importantes para o autoconhecimento.

Ao se trabalhar com atividades artísticas desenvolvidas nas terapias expressivas, tais como: expressões sonoras, corporais e de pintura, desenho, escultura, modelagem e outras, poderá se estabelecer "elos" para a descoberta de um mundo interno, povoado por imagens traduzidas por símbolos, aspectos que contribuirá para o processo de autoconhecimento.

Para se compreender o significado de símbolos, buscou-se no dicionário de Chevalier e Greerbrant (1982, p. 12) na qual definem símbolo como uma capacidade de sintetizar, uma expressão sensível por meio das influência do inconsciente e da consciência, ainda mais, as forças instintivas e espirituais. Todos esses conteúdos são conflitos que por intermédio da arte harmonizam o homem. Acrescentam os autores, "a expressão simbólica traduz o esforço do homem para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa por meio das obscuridades que o rodeiam".

Outro conceito importante para salientar, é de Cassirer traduzido Pereira (1976, p.23), "o homem como animal simbólico, fez a distinção usual entre signo e símbolo, mostrando que o primeiro é um indicador concreto e físico de um objetivo, enquanto o outro pertence à área de significação". Percebe-se que desde os primórdios milênios de existência do homem, o símbolo foi uma representação das raízes do ser humano. O princípio simbólico situa-se em um tempo anterior da história, o acervo deixado nas cavernas dos povos primitivos que deixaram suas marcas por meio da arte.

O homem contemporâneo, entretanto, mostra-se arraigado nas profundezas do racional-científico. Seu patrimônio cultural nesse momento histórico está se consolidando somente com a contribuição de conhecimentos técnicos, especialmente, a construção de bens materiais é parte constituinte de seu projeto de vida. Jung (1964, p.94) aponta para essa perda e o que ela pode significar para o sentido de sua própria existência no planeta:

O homem moderno não entende o quanto o seu “racionalismo” (que lhe destruiu a capacidade para reagir as ideias e símbolos numinosos), deixou-o à mercê do “submundo” psíquico. Libertou-se das “superstições” (ou pelo menos pensa tê-lo feito), mas neste processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante. Suas tradições morais e espirituais desintegraram-se e, por isto, paga agora um alto preço em termos de desorientação e dissociação universais.

Contemporaneamente, as ciências evoluíram trazendo soluções para muitas questões inatingíveis, a descoberta de tratamentos desejados para inúmeras doenças que afligiam a humanidade, a produção excessiva de alimentos, as máquinas que agilizaram e facilitaram a produção. Apesar de tudo isso, está vivendo uma desumanização rápida e progressiva, morre ainda de fome e, muitas vezes, é substituído pelas máquinas. Desse modo, corre o risco de cometer um suicídio coletivo, seja pelo uso inadequado das bombas nucleares, ou mesmo pela descaracterização e falta de consciência do que entende por humanidade. Podendo, assim, ser o inventor e até o possível destruidor de si mesmo (CANESQUI;GARCIA, 2005).

Para que isso não aconteça, é necessário um alerta de sua condição para que volte seu olhar com urgência para a dimensão simbólica, que o caracteriza. Assim, um dos meios de se resgatar e de se desenvolver o lado humanístico da sociedade atual seria fortalecer o homem no encontro consigo mesmo, reconstruir suas outras polaridades, como o sentimento e a intuição, que foram deixadas às margens. Destaca-se nas obras de Cândido Portinari toda essa sensibilidade, pois em suas obras não somente apresenta cores e formas e abstrações. O seu teor está imbuído de valores sociais e humanos. Por-

tanto, expressando uma mensagem ética, humanística e cidadania. Como pode se verificar na figura 1, em que traz dois quadros do artista de 1952, "Paz" e "Guerra".

FIGURA 1 – PORTINARI E AS SUAS OBRAS "GUERRA" E "PAZ"



FONTE: PROJETO PORTINARI, 2022.

Segundo Capra, (1996, p.31), é necessário ter consciência desse movimento de transição, que está se consolidando ao ingresso, um intenso "reexame" dos valores culturais, e a rejeição dos modelos conceituais "modelos conceituais que duraram mais do que sua utilidade justificava, e de um reconhecimento de alguns valores descartados em períodos anteriores da história cultural". O homem deverá buscar por meio dos conhecimentos científicos as suas contribuições para equilibrar a teia da vida entre todos os seres vivos.

2.2 O símbolo e o desenvolvimento humano expressado pela arte

O ser humano passa por um processo de desenvolvimento de etapas, a infância, adolescência, fase adulta e terceira idade. Nesse trajeto faz a leitura de diferentes símbolos, esses são vivenciados por arquétipos, estruturados nos parâmetros da cultura que também se modificam no tempo e espaço.

Para Brasil (1989, p. 62), é por meio dos símbolos primitivos, que a criança tem suas primeiras experiências com relações (objetais), para a formação posterior de símbolos. Via as figuras parentais e a relação com as outras pessoas do "seu meio circundante". Portanto, o desenvolvimento infantil é constituído por conceitos, mitos, sobre os efeitos interatuantes dos comportamentos parentais sobre a educação da criança. Algumas influências são genéticas e outras do desenvolvimento cognitivo, emocional e social da educação informal que compõem a da identidade da criança.

Aprofundando esses aspectos, a autora acima, Brasil (1989, p. 63) coloca:

A influência parental não é unidimensional e não consiste apenas de variações ao longo de um único eixo. Os pais podem expressar o mais variados valores, ideais, componentes emocionais, enfim símbolos conscientes e inconscientes, segundo suas atitudes tipológicas introvertidas e extrovertidas, ou pelas funções que utilizam, sejam elas sentimento, pensamento, sensação e intuição, regidas pelos quatro padrões "arquetípicos". A resposta da criança não dependerá apenas de qualquer um destes aspectos da personalidade dos pais, mas antes, do efeito combinado de vários destes aspectos e os seus componentes internos.

Na infância a criança vive o desenvolvimento da consciência do "eu" e desse modo, a discriminação dos processos inconscientes. Segundo Jung (1981), os primeiros anos de vida da criança ela tem uma "participação mística" com os pais, um elo com a psique familiar. Acrescenta mais a sua reflexão e aponta que a maior parte da sintomatologia emocional infantil, até muito além da puberdade, se deve quase que exclusivamente as perturbações na esfera psíquica dos pais. Essas dificuldades poderão acarretar doenças graves, pois refletem na psique da criança, no âmbito escolar, possíveis dificuldades de aprendizagem.

Refletindo sobre esses fatores, Brasil (1989, p.65), esclarece que no momento em a criança começa a se desenvolver sua consciência "o que ficam documentado exteriormente, entre outras coisas, por ela começar a dizer 'eu', geralmente entre três e cinco anos de idade, pode-se dizer que já existe uma psique individual". Aos seis anos ao iniciar o processo de alfabetização, aprofunda-se mais a sua consciência do "eu", porém não consegue exercer sua personalidade plena. Após a puberdade ela atinge uma "relativa independência, pois anteriormente, seus impulsos estão mais atrelados as condições ambientais".

Pressupostos teóricos de Jung (1982), traz que a escola não consegue terminar nenhuma educação, mesmo na fase adulta, o homem necessita do autoconhecimento para facilitar a sua observação crítica da realidade circundante, em processo de individuação. Para isso, destaca-se a importância de um trabalho com arte para que se possa construir uma personalidade plena articulada com as múltiplas linguagens.

Para a teoria analítica, proposta por Jung (1983, p.173), a educação individual deverá observar "o tipo psicológico da criança terá de ser aceito, sem que o mestre imbuído do preconceito de que só os extrovertidos sejam normais, esforce-se para obter dos introvertidos um comportamento que para estes é contrário à sua natureza". Assim sendo,

cabe aos educadores conhecerem a "história das primeiras etapas de desenvolvimento psíquico do aluno e suas condições de vida no seio da família. Pais e mestres estarão atentos para não sufocar os germes peculiares à personalidade, que comecem a repontar na infância e na juventude."

A arte ultrapassa os limites da sistematização, para a criação do movimento, da percepção, da sensação, assim como o domínio dos conceitos externados do desconhecido. Todos esses elementos são espelhados nas emoções e sentimentos das expressividades realizadas. Dessa maneira, pode-se afirmar que a arte é "um caminho novo e único" ao rumo do tesouro e das profundezas do mundo interno e da síntese dos encontros do Homem.

De acordo com Camargo (1989, p.15), "arte e educação são produtos culturais e precisam ser entendidos no contexto das culturas onde surgem. Não há uma noção de arte e educação válida para todas as culturas e todos os meios sociais". Entende esse autor, que cultura possui um universo de sentido e significado. Portanto, o Homem ao se projetar no mundo nos aspectos filosóficos, científicos, religiosos vai construindo suas relações humanas por meio da sua organização social, seus usos e costumes, seus valores éticos, sua educação e sua política, desse modo, ele autêntica sua visão de mundo via o fazer artístico, avanços tecnológicos, econômicos e administrativos.

Ao analisar a educação por parte dos pais, Jung (1983), destaca que por mais cuidadosa que seja, não deixará de ser um tanto parcial, pois o meio continua sempre o mesmo. A escola, porém, é a primeira parte do grande mundo real; ela procura ir ao encontro da criança para ajudá-la a desprender-se, até certo ponto, do ambiente da casa paterna. A criança tem naturalmente frente aos educadores o modo de adaptação aprendido do pai; projeta sobre eles imagem paterna, como se diz e linguagem técnica, demonstrando a tendência de identificar a personalidade do educador com a imagem do pai. Por isso, cabe ao contexto escolar abrir a personalidade da criança ou, ao mesmo, dar a oportunidade de que ela mesma encontre este acesso.

Desde que o relacionamento pessoal entre a criança e o educador seja bom, pouca importância terá se o método didático corresponde ou não às exigências mais modernas. O êxito do ensino, na visão Junguiana, não depende do método. Jung (1983), aponta que a verdadeira finalidade da escola, não é abarrotar de conhecimentos a cabeça das crianças, mas sim contribuir para que elas possam tornar-se adultos de verdade.

O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu ou não libertar o jovem ser humano de sua identidade com a família e torná-lo consciente de si próprio. Sem esta consciência de si mesmo "a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade, mas continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros" (JUNG, 1998, p. 107).

Ainda, dentro da escola, a teoria Junguiana poderá contribuir para a compreensão das diferenças individuais e os diversos modos de relação do ser que aprende com o objeto da aprendizagem. A tipologia de Jung permite a apreensão de como as diferentes personalidades percebem o mundo e como essas diferenças têm influências profundas no processo de ensino-aprendizagem e na orientação e formação de educadores.

Partindo-se do princípio de que o aluno ao aprender não assimila simplesmente os significados, mas os constrói e, no contexto da sala de aula, as personagens envolvidos (estudantes e educadores) constroem e partilham esses significados. Os tipos psicológicos constituem apenas esquemas de compreensão que auxiliam no conhecimento de aspectos da personalidade individual e na apreensão dos significados a comunidade escolar toma da realidade, permitindo ir além da realidade objetiva.

Pode-se perceber como é complexo o conceito aprender, pois pode ser explicitado pela diversidade de pontos de vista, apresentados na combinação tipológica revelada por Jung. Destaca-se nesse momento a importância de tomar consciência dessa complexidade e perceber as múltiplas direções que ela pode oferecer. Para Byington (1987, p. 78), atualmente, os avanços nas pesquisas vem mostrando que "aprender é, essencialmente, vida, um princípio relacionado com a essência do estar vivo, sinônimo de estar interagindo". No contexto escolar, portanto, "estar interagindo", ou ainda, como o autor citado aponta, "a essência do estar vivo", pode estar nos ajudando a clarear o ato de educar e o de aprender. O gesto de abertura de um ser humano diante de outro para conhecê-lo, abrindo e apontando para novos caminhos.

2.3 O ser humano na busca de seu autoconhecimento via o processo artístico

O ser humano segue o processo de desenvolvimento com os outros seres existentes no universo. Destaca essa argumentação, Silveira (1978, p. 87), quando analisa que "todo ser tende a realizar o que existe nele em germe, a crescer, a completar-se" . Pode-se dizer que como a semente complementa o vegetal, o embrião e o animal. O Homem é uma totalidade, uma junção do corpo e da psique.

Dessa forma, o ser humano expande

suas potencialidades impulsionadas pelas forças instintivas inconscientes, porém tem a capacidade de se modificar e influenciar esse desenvolvimento. Entre o confronto do inconsciente e do consciente, no conflito desses elementos compõem sua personalidade, ao amadurecer e sintetizar a sua realização como indivíduo específico e inteiro. Para Jung (1981), denominou de "individuação" essa confrontação.

Entende esse processo de individuação, Jung (1981, p. 49), como o significado de se tornar "um ser único, na medida em que a individualidade " se torna a sua singularidade mais intima, oferecendo ao Homem o seu próprio significado, isto é, a essência de ser humano e ter a capacidade e a consciência de si mesmo. Portanto, a individuação é um processo de desenvolvimento psicológico que facilita as realizações e as qualidades individuais, isto é, o movimento que se transforma em um ser único, atingindo a sua plenitude.

Destaca-se que a teoria junguiana chamou a atenção para dois movimentos básicos da consciência: um de fora para dentro, introversão; outro de dentro para fora, extroversão. O artista ao se expressar em uma obra de arte mostra esses dois mundos, o interno e externo e a interação destes dois. Nesse movimento, as polaridades humanas, descritas por Jung, como as quatros funções: sensação, pensamento, sentimento e intuição podem ser expressas e integradas (CAMARGO, 1989).

A arte facilita todo o processo de transcendência do Homem. Essa linguagem é impregnada de símbolos do inconsciente, que ao serem expostos pela expressividade poderão facilitar os caminhos de buscas e encontros da sua diversidade. De acordo com Penna (2009), as vivências artísticas poderão tomar o elo da leitura simbólica da condição humana. Portanto, um fator fundamental para favorecer o autoconhecimento por meio de exploração das fantasias, ideias, sonhos, propósitos e imaginação.

A partir desse referencial que a arte oferece a todos, isto é, crianças, adolescentes, adultos e idosos seria a possibilidade de suas transformações e seus encontros interiores. Cada um poderá ampliar os seus limites, medos, caminhos e buscas via a expressividade. Dessa forma, a arte tem um caráter múltiplo, sua dinâmica é rica e versátil, pois facilita o processo de individuação do Homem, oferecendo a oportunidade de dar um significado para sua própria vida nas diversas múltiplas facetas.

Para Camargo (1989), a arte é o ponto de partida de trabalho com as potencialidades e, não as limitações pessoais. Ao ser considerada como processo e não um resultado, busca adquirir a autonomia do sujeito. Por intermédio, das vivências com materiais expressivos, o ser humano vai, paulatinamente, tomando contato com sua realidade, oscilando entre o real e o simbólico, na tentativa de encontro consigo e com o outro, aventurando-se a descoberta de novos sentidos. Na figura 2, o pintor norueguês,

Edward Munch, retrata na tela "O Grito" (1892) seus sentimentos, registrado em um diário que ao passar na ponte de Oslo com dois amigos, sentiu um grande sentimento de ansiedade e melancolia, aspectos que motivaram a pintar essa obra de arte (FERRARI, 2022). Destaca-se a expressividade de uma figura andrógena, isto é, não dá para perceber se é mulher ou homem, devido à falta de cabelos. Evidencia-se, dessa maneira, aspectos de angústia e descrença existencial diante de uma paisagem marcante colorida com diversas cores (ADAIR, 2022).

Figura 2 - Obra de Arte: "O Grito" - Edward Munch



FONTE: BBC NEWS BR, 2017

Reconhece-se, desse modo, a importância dos recursos artísticos para desenvolver o potencial criativo de cada pessoa. Pois, está em mundo cheio de adversidades e conflitos, assim, via arte poderá contribuir para a construção de uma base sólida para o seu equilíbrio interno. Uma ponte para uma viagem autêntica para autodescoberta. Ao se expressar a pessoa não deve analisar um produto acabado, mas acompanhar e ativar

esse processo, em que está construindo e passando por diversas etapas (BRASIL, 1989).

Ao trabalhar por meio das expressão plástica ou qualquer outra linguagem da arte, poderá demonstrar suas impressões, seus estágios de elaboração mental, na qual resultam as interações entre ele e os objetos. Nesse sentido, esse movimento não é algo interno apenas, mas a constituição das trocas , que ele faz com o meio e das partes estabelecidas entre suas vivências e experiências anteriores e atuais.

CONCLUSÃO

Autenticou-se nesse estudo a relevância da arte como expoente para o autoconhecimento do Homem. Todo o universo simbólico organizado desde os primórdios da civilização trouxe a atividade expressiva como espelho das suas experiências e suas vivências. Ele representou por símbolos seus encontros e desencontros existenciais.

A Psicologia Analítica foi ratificada como suporte para a compreensão dos efeitos da arte para o processo do autoconhecimento humano. Os aspectos teóricos ajudaram a entender como é realizada a leitura para expressar em símbolos emergentes do inconsciente. Imagens psíquicas provindas do inconsciente coletivo, isto é, os arquétipos. Dessa forma, por meio da interpretação analítica poderá ser conhecer o desconhecido, auxiliando no processo terapêutico.

A escola poderá utilizar o processo artístico como instrumento para o autoconhecimento do estudante. Por meio da arte ela poderá construir sua totalidade e trabalhar o corpo e a psique. A linguagem artística explorada , dessa forma, trará conteúdos importantes para o conhecimento dos estudantes como suas fantasias, seus sonhos e ampliar a sua imaginação.

Verificou-se que a arte é um referencial fundamental para se abordar nas escolas. A expressividade amplia limites, trabalha com os medos, um caminho para autoconhecimento. O caráter da arte é múltiplo e dinâmico, portanto, a extensão do seu conteúdo é amplo, nesse estudo procurou-se sintetizar os principais aspectos dessa temática, assim, possa uma abertura para novas investigações nessa área de Arteterapia.

REFERÊNCIAS

ADAIR, L. Significado do quadro o Grito de Edward Munch. 2022. Disponível em: http://www. culturagenial.com./quadro-o-grito-edwardmunch. Acesso em 08 out. 2022.

BBC NEW BR. O Grito. Edward Munch. Disponível em: http://www.bbcom/portugueses/geral 39793994. Acesso em: 19 out. 2022.

BRASIL, A. M. R. Fracasso Escolar uma questão simbólica. Estudo analítico junguiano dos dinamismos infantis na família, na escola e na cultura. São Paulo: I.P.U.S.P. (Tese de Dissertação de Mestrado), 1989.

BYINGTON, Carlos. Desenvolvimento da Personalidade - símbolos e arquétipos, São Paulo, Ática, 1987

CAMARGO. L. e outros. Arte-Educação da Pré-Escola à Universidade, São Paulo: Nobel, 1989.

CAPRA.F. A teia da vida: uma contribuição científica dos sistemas vivos. São Paulo: Pensamento Cultrix, 1996.

CHEVALIER. J.; GHEERBRANT A. Dicionários de Símbolos. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000.

FERRARI, W. Aventuras da História. O Grito, Edward Munch, 2022. Disponível em: http://www. facebook.com/watch/?v=4679477782114287. Acesso em: 20 out. 2022.

JUNG, C. G . A vida simbólica. Petrópolis, Vozes, 1998,vol. 2.

JUNG, C. G. Aion. Estudos sobre o simbolismo do si mesmo. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

JUNG, C. G . Fundamentos de Psicologia Analítica. Petrópolis: Vozes,1983. vol. XVIII.

JUNG, C. G. O desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis. Vozes, 1981,vol. XVII.

JUNG, C. G. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C. G . O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1964.

PENNA, E. M. D. Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa da Psicologia Analítica. 2009. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC. Disponível em: http:// apientia.pucsp.br/bitstream/handle/15817/1/Eloisa%20Marques%20Damasco%20Penna .pdf. Acesso em: 06 out. 2022.

PEREIRA, C. R. A. Espiral do Símbolo. Petrópolis: Vozes, 1997.

PORTINARI, C. Projeto Portinari. Obra “Paz” e “Guerra”, 2022. Disponível em:

http://www.portinari.org. br. Acesso em: 23 out. 2022.

SILVEIRA, Nilse da. Jung - vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.